

ELITE
PRÉ-VESTIBULAR
c a m p i n a s

ELITE RESOLVE



O

UNICAMP 2005

2ª FASE

LÍNGUA PORTUGUESA

**“Os grandes navegadores devem sua reputação
aos temporais e tempestades”**

Epicuro

www.elitecampinas.com.br

(19) 3251-1012

PORTUGUÊS

1.

GARFIELD - Jim Davis



(Folha de S. Paulo, 11 de outubro de 2004).

Na tira de Garfield, a comicidade se dá por uma dupla possibilidade de leitura.

- Explicitite as duas leituras possíveis e explique como se constrói cada uma delas.
- Use vírgula(s) para discernir uma leitura da outra.

SOLUÇÃO:

- As possíveis leituras para o quadrinho são:
 - comida *magra* para gato (nesta interpretação a **comida possui pouca gordura**) ou
 - comida para gato *magro* (nesta interpretação o **gato é que possui pouca gordura**)
 - Para se obter a primeira interpretação, em que a **comida possui pouca gordura**, podemos utilizar uma das seguintes construções:
 - Comida, pra gato, com pouca gordura.
 - Comida pra gato, com pouca gordura.
- Já para a obtenção da segunda interpretação, onde o **gato é que possui pouca gordura**, a construção mais adequada seria:
- Comida, pra gato com pouca gordura.

2. Na primeira página da *Folha de S. Paulo* de 22 de outubro de 2004, encontramos uma seqüência de fotos acompanhada de uma legenda cujo título é: "A QUEDA DE FIDEL". No texto da legenda, o jornal explica: *O ditador cubano, Fidel Castro, 78, se desequilibra e cai após discursar em praça de Santa Clara (Cuba), em evento transmitido ao vivo pela TV; logo depois, ele disse achar que havia quebrado o joelho e talvez um braço, mas que estava "inteiro"; mais tarde, o governo divulgou que Fidel fraturou o joelho esquerdo e teve fissura do braço direito.*

- O que a leitura desse título provoca? Por quê?
- Proponha um outro título para a legenda. Justifique.

SOLUÇÃO:

- Pode-se depreender da leitura do título, que o ditador cubano teria sido deposto, pois a construção *queda* de um presidente ou imperador é mais comumente usada para indicar deposição ou saída do poder. A escolha desta manchete provavelmente foi feita com o intuito de atrair a curiosidade do público.
- Alguns títulos possíveis para a legenda seriam:
 - O tombo de Fidel,
 - A caída de Fidel,

Esses títulos são pertinentes ao fato relatado pela matéria, sem dar margem a outras interpretações. Naturalmente, o candidato poderia também ter escolhido outras construções, desde que coerentes com a publicação feita.

3. Foi no tempo em que a Bandeirantes recém-inaugurara suas novas instalações no Morumbi. Não havia transporte público até o nosso local de trabalho, e a direção da casa organizou um serviço com viaturas próprias. (...) Paraná era um dos motoristas. (...) Numa das subidas para o Morumbi "fechou" sem nenhuma maldade um automóvel. O cidadão que o dirigia estava com os filhos, era diretor do São Paulo F.C., e largou o verbo em cima do pobre do Paraná. Que respondeu à altura. Logo depois que a perua chegou ao Morumbi, todo mundo de ponto batido, o automóvel pára em frente da porta dos funcionários, e o seu condutor desce bufando: "Onde está o motorista dessa perua? (e lá vinha chegando o Paraná). Você me ofendeu na frente dos meus filhos. Não tem o direito de agir dessa forma, me chamar do nome que me chamou. Vou falar ao João Saad, que é meu amigo!" E o Paraná, já fuzilando, dedo em riste, tonitruou em seu sotaque mais que explícito: "Le" chamei e "le" chamo de novo... veado ... veado ...

Não houve reação da parte ofendida.

(Flávio Araújo, *O rádio, o futebol e a vida*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001, p. 50-1).

- Na seqüência "(...) e largou o verbo em cima do pobre do Paraná. Que respondeu à altura", se trocarmos o ponto final que aparece depois de 'Paraná' por uma vírgula, ocorrem mudanças na leitura? Justifique.
- O trecho da resposta de Paraná "Le chamei e le chamo de novo..." chama a atenção do leitor para a sintaxe da língua. Explique.
- Substitua 'tonitruou' por outra palavra ou expressão.

SOLUÇÃO:

- Sim. Do ponto de vista sintático e semântico não há mudanças, pois a oração (subordinada adjetiva explicativa) continua a fazer referência ao nome Paraná e a ter o mesmo valor sintático. No entanto, a vírgula demonstra maior proximidade, informalidade; o ponto final, por sua vez, dá maior ênfase à construção "Que respondeu à altura.", demonstrando que a resposta foi realmente eficaz, portanto, há mudança na ênfase da resposta de Paraná.
- Chama a atenção devido ao uso do pronome *le* ao invés de *lhe* ou de *o*, que seriam as formas sintaticamente corretas (o verbo *chamar* admite a construção com os dois pronomes). Além disso, o *le* é uma forma de expressão diferenciada foneticamente – aludindo ao sotaque de Paraná – e ainda aparece no início das construções sintáticas por ter sido utilizado o discurso direto (a transcrição da fala de Paraná): os pronomes aparecem antes do verbo (próclise), quando deveriam aparecer depois do verbo (ênclise).
- Do contexto, pode-se substituir *tonitruou* por **retruou com raiva/raivoso/furioso, respondeu com estrondo/fúria, esbravejou, vociferou.**

Observação: tonitruar significa tropejar; atroar; troar.

4. Em um jornal de circulação restrita, vemos, na capa, a seguinte chamada:

Inspire
saúde!
Sem fumar,
respire
aliviado!

No interior do Jornal, a matéria começa da seguinte forma: *Desperte o não-fumante que há em você!*, seguida logo adiante de *O fumante passivo – aquele que não fuma, mas frequenta ambientes poluídos pela fumaça do cigarro – também tem sua saúde prejudicada.*

(*Jornal da Cassi* – Publicação da Caixa de Assistência dos Funcionários do Banco do Brasil, ano IX, n. 40, junho/julho de 2004).

Levando em consideração os trechos citados, observamos, na chamada da capa, um interessante jogo polissêmico.

- Apresente dois sentidos de 'Inspire' em 'Inspire saúde!'. Justifique.
- Apresente dois sentidos de 'aliviado' em 'respire aliviado!'. Justifique.

SOLUÇÃO:

- Há o sentido denotativo, que significa **inspire ar limpo**, sem a fumaça do cigarro e há também o sentido figurado, onde se pode perceber a leitura **transpareça saúde** ou **insinue saúde** ou ainda **sugestione saúde**. A polissemia deve-se ao uso do verbo *inspirar*, que possui tanto o significado de *introduzir o ar nos pulmões* quanto o de *sugerir, incutir, infundir*.
- Em "aliviado" há tanto o sentido de – ao respirar – não ser incomodado pela fumaça do cigarro alheio (fumante passivo), quanto o sentido de livrar-se do vício (aliviar-se por parar de fumar). A polissemia, neste caso, decorre da abrangência do tema, uma vez que o ato de fumar pode provocar diversos efeitos: a quem fuma e a quem convive com os fumantes.

5. Em *Angústia* de Graciliano Ramos, encontramos seqüências instigantes:

Penso em indivíduos e em objetos que não têm relação com os desenhos: processos, orçamentos, o diretor, o secretário, políticos, sujeitos remediados que me desprezam porque sou um pobre-diabo. Tipos bestas. Ficam dias inteiros fuxicando nos cafés e preguiçando, indecentes.

(...)

Fomos morar na vila. Meteram-me na escola de seu Antônio Justino, para desasnar, pois, como disse Camilo quando me apresentou ao

mestre, eu era um cavalo de dez anos e não conhecia a mão direita. Aprendi leitura, o catecismo, a conjugação dos verbos. O professor dormia durante as lições. E a gente bocejava olhando as paredes, esperando que uma réstia chegasse ao risco de lápis que marcava duas horas. Saíamos em algazarra.

(Graciliano Ramos, *Angústia*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 56ª.ed., 2003, p. 8-9 e 15).

a) Que processos permitem as construções 'preguiçando' e 'desasnar' na língua?

b) Se substituirmos 'preguiçando' por 'descansando' e 'desasnar' por 'aprender', observamos uma relação diferente com a poesia da língua. Explique essa diferença.

c) O uso de 'desasnar' pode nos remeter, entre outras palavras, a 'desemburrecer' e 'desemburrar'.

No Dicionário Houaiss da língua portuguesa (ed. Objetiva, 2001), o verbete 'desemburrar' apresenta como acepções tanto 'livrar-se da ignorância', quanto 'perder o enfezamento', e marca sua etimologia como des + emburrar.

Seguindo nossa consulta, encontramos no verbete 'emburrar' o ano de 1647 que, segundo a Chave do Dicionário Houaiss, indica a "data em que [essa palavra] entrou no português". A fonte dessa datação é a obra *Thesouro da lingua portuguesa composta pelo Padre D. Bento Pereyra*, publicada em Lisboa.

Embora 'desemburrecer' não apareça no dicionário, encontramos 'emburrecer', cuja entrada no português, segundo o Houaiss, data de 1998, atestada pela obra de Celso Pedro Luft *Dicionário prático de regência verbal*, publicada em São Paulo.

O verbete 'desasnar' data de 1713, atestado pela obra *Vocabulário portugueza e latino de Rafael Bluteau*, publicada em Coimbra-Lisboa.

Tendo em vista as observações acima apresentadas – a presença ou não desses verbetes no dicionário, as datas de entrada no português e as fontes que atestam essas entradas – o que se pode compreender sobre a relação entre o dicionário e a língua?

SOLUÇÃO:

a) Os processos são, respectivamente, a **derivação sufixal** (radical *preguiça*+ sufixo *ndo*) e a derivação parassintética (prefixo *des*+ radical *asn*+ sufixo *ar*).

b) A substituição dos termos geraria uma perda de agressividade, que decorre do fato de *preguiçando* e *desasnar* terem origem animal. A 'poesia da língua' presente na fala do personagem decorre do modo singular como ele se expressa, fugindo dos termos comuns e mais corriqueiros.

c) O dicionário é uma forma de se compilar e registrar a linguagem de um povo, entretanto, não consegue acompanhar o dinamismo da linguagem, que é viva e, portanto, está em constante mudança. Isto pode ser percebido pelas diferenças entre as datas de publicação do dicionário Houaiss (ano de 2001) e a data de entrada de alguns verbetes na língua (por exemplo, *desasnar*, que data de 1713).

6. Mario Sergio Cortella, em sua coluna mensal "Outras Idéias" escreve:

(...) reconheça-se: a maior contribuição de Colombo não foi ter colocado um ovo em pé ou ter aportado por aqui depois de singrar mares nunca dantes navegados. Colombo precisa ser lembrado como a pessoa que permitiu a nós, falantes do inglês, do francês ou do português, que tivéssemos contato com uma língua que, do México até o extremo sul da América, é capaz de nos ensinar a dizer "nosotros" em vez de apenas "we", "nous", "nós", afastando a arrogante postura do "nós" de um lado e do "vocês" do outro. Pode parecer pouco, mas "nós" é quase barreira que separa, enquanto "nosotros" exige perceber uma visão de alteridade, isto é, ver o outro como um outro, e não como um estranho. Afinal, quem são os outros de nós mesmos? O mesmo que somos para os outros, ou seja, outros!

(Mario Sergio Cortella, Folha de S.Paulo, 9 de outubro de 2003).

O texto acima nos faz pensar na distinção entre um 'nós' inclusivo e um 'nós' excludente.

a) Segundo o excerto, 'nosotros' apresenta um sentido inclusivo. Justifique pela morfologia dessa palavra.

b) "Nós brasileiros falamos português" apresenta um 'nós' excludente. Explique.

SOLUÇÃO:

a) A expressão "nosotros" é uma combinação entre "nós" e os "outros" que coloca *nós* na qualidade de 'os outros dos outros', ou

seja, cria igualdade de valor conotativo entre *nós* e *outros*, criando assim o sentido de inclusão 'dos outros'.

b) Na expressão destacada "nós brasileiros" temos a exclusão, pois significa que apenas os brasileiros falam o português, excluindo as demais nacionalidades.

7. Leia o seguinte trecho do conto "O enfermeiro":

Fui até a cama; vi o cadáver, com os olhos arregalados e a boca aberta, como deixando passar a eterna palavra dos séculos: "Caim, que fizeste de teu irmão?"

(Machado de Assis, "Várias Histórias", em *Obra Completa*, v. II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, p. 532).

a) A qual episódio do conto essa citação bíblica remete?

b) O que leva o narrador a relacionar o episódio narrado com a citação bíblica?

c) De que modo o desfecho do conto revela uma outra faceta do narrador-personagem?

SOLUÇÃO:

a) Ao assassinato do coronel Felisberto cometido por Procópio, o enfermeiro mencionado no título.

b) A "morte por assassinato" que está presente tanto no episódio bíblico quanto no episódio narrado no conto. Além disso, no conto, a pergunta: *que fizeste de teu irmão?* Parece gerada pela consciência do próprio Procópio.

c) O desfecho do conto revela a faceta mais *irônica* e *menos-idônea* do narrador-personagem na medida em que ele faz uma citação um tanto corrompida de uma frase que originalmente apresenta um teor religioso: *bem aventurados os que possuem, pois serão consolados*. Tal alteração da forma (e do sentido) desse discurso originalmente religioso acaba por revelar a relação do enfermeiro com a posse de bens materiais (no caso, com a herança deixada pelo coronel).

8. Leia o poema abaixo, de Manuel António Pina, importante nome da lírica portuguesa contemporânea:

AGORA É

Agora é diferente

Tenho o teu nome o teu cheiro

A minha roupa de repente

ficou com o teu cheiro

Agora estamos misturados

No meio de nós já não cabe o amor

Já não arranjamos

lugar para o amor

Já não arranjamos vagar

para o amor agora

isto vai devagar

Isto agora demora

(Manuel António Pina, *Poesia Reunida (1974-2001)*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001, p. 49).

a) O poema trata de uma transformação. Explique-a.

b) Que palavra marca essa transformação?

c) Qual a diferença introduzida por essa transformação no tratamento convencional dado ao tema?

SOLUÇÃO:

a) Trata-se de uma *mistura*, ou seja, de uma *fusão* entre o eu-lírico e um outro ser, a partir da qual ele se sente *surpreso* e um tanto *confuso* por perceber que não há mais espaço entre eles – tal união se dá de modo tão intenso que já não se percebe nem espaço/lugar para o *amor*.

b) Vale dizer que ocorre certa *vaguidéz* na maneira como o enunciado foi formulado. Se entendemos o termo "marca" como "marcar o início da transformação" teríamos como resposta: *agora*. Por outro lado, se entendemos o termo "marca" como "caracteriza" teríamos como resposta: *misturados*. Optamos por essa última possibilidade como a mais provável.

c) Segundo o tratamento convencional dado ao tema (união/casamento) o momento da fusão é o momento de expressão máxima do sentimento amoroso. No caso do poema, tal *fusão* impossibilita o "vagar" e o "espaço para o amor", daí a conclusão a que chega o eu-lírico: *isto vai devagar / isto agora demora*

9. Leia a seguinte passagem do conto "A sociedade":

O esperado grito do cláxon fechou o livro de Henri Ardel e trouxe Teresa Rita do escritório para o terraço.

O Lancia passou como quem não quer. Quase parando. A mão enluvada cumprimentou com o chapéu Borsalino.

Uiiiiia-uuuuuu! Adriano Melli calçou o acelerador. Na primeira esquina fez a curva. Veio voltando. Passou de novo.

Continuou. Mais duzentos metros. Outra curva. Sempre na mesma rua. Gostava dela. Era a Rua da Liberdade.

Pouco antes do número 259-C já sabe: uiiiiia-uuuuuu!

(Antônio de Alcântara Machado, *Brás, Bexiga e Barra Funda*, em *Novelas Paulistas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, p. 25).

a) No trecho acima, a linguagem e as imagens apontam para a influência das vanguardas no primeiro momento modernista. Selecione dois exemplos e comente-os.

b) O título refere-se a mais de uma sociedade presente no conto. Quais são elas?

SOLUÇÃO:

a) Há, nesse trecho (assim como na obra de Alcântara Machado como um todo) inúmeros aspectos vanguardistas. Em relação ao trecho, mais especificamente, podemos destacar: em termos de “linguagem”, o *estilo telegráfico* (uso de frases curtas que confere certa fluidez e dinamismo à narrativa); as *onomatopéias* (frequentes em vários textos de Brás, Bexiga e Barra-Funda) que possibilitam a imitação de alguns dos tantos ruídos do mundo moderno; *metonímias* (Ex: O Lancia passou como quem não quer) tão adequadas em relação à concisão pretendida pelo autor em seus textos híbridos de contos e crônicas. Em relação ao uso de “imagens”, podemos destacar o gosto pela descrição à maneira cinematográfica. Conforme já observado por alguns críticos que estudaram a obra de Alcântara Machado, ele demonstra em seus textos verdadeiro fascínio pela *sétima arte*. No trecho, pode-se observar como o *narrador alterna entre planos mais próximos* (closes, como o do livro sendo fechado) para *planos mais abertos*, como o do Lancia fazendo uma curva; dessa forma, a narrativa de certo modo reproduz um movimento de câmera de cinema. Por fim, cumpre mencionar o destaque dado ao *automóvel*. Não é demais lembrar que o automóvel é símbolo de maior destaque numa das *vanguardas artísticas* mais expressivas e influentes que foi o **Futurismo**.

b) De um lado a *sociedade brasileira oficial*, representada pela *família paulista de quatrocentos anos* e de outro, uma outra sociedade um tanto marginalizada, formada por *italianinhos; ítalo-brasileiros*, geralmente de condição humilde e padecendo de certa discriminação nessa “disputa por espaço”. Nesse conto, curiosamente, o autor promove uma inversão da situação, na medida em que constrói personagens ítalo-paulistas em melhor situação sócio-econômica e, portanto, em condições de propor uma *parceria comercial* ao chefe de uma família brasileira. Além da sociedade comercial ocorre também uma “união civil”, ou seja, um casamento entre o filho do italiano com a filha do brasileiro.

10. Leia os diálogos abaixo da peça “O Velho da Horta” de Gil Vicente:

(Mocinha) – *Estás doente, ou que haveis?*

(Velho) – *Ai! não sei, desconsolado,
Que nasci desventurado.*

(Mocinha) – *Não choreis;
mais mal fadada vai aquela.*

(Velho) – *Quem?*

(Mocinha) – *Branca Gil.*

(Velho) – *Como?*

(Mocinha) – *Com cent’ açoutes no lombo,
e uma corocha por capela*.*

E ter mão;

*leva tão bom coração,***

como se fosse em folia.

*Ó que grandes que lhos dão!****

* (corocha) cobertura para a cabeça própria das alcoviteiras; (por capela) por grinalda.

** caminha tão corajosa

*** Ó que grandes açoutes que lhe dão!

(Gil Vicente, *O Velho da Horta*, em Cleonice Berardinelli (org.), *Antologia do Teatro de Gil Vicente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Brasília, INL, 1984, p. 274).

a) A qual desventura refere-se o Velho neste diálogo com a Mocinha?

b) A que se deve o castigo imposto a Branca Gil?

c) Diante do castigo, Branca Gil adota uma atitude paradoxal. Por quê?

SOLUÇÃO:

a) Sua *desventura* relaciona-se à percepção de que não tem chances junto à sua pretendida (a moça pela qual se apaixonara);

b) À sua condição de *alcoviteira* e *feiticeira*, funções que são consideradas imorais e ilegais.

c) O castigo a que se vê submetida é de se esperar que promovesse certo constrangimento. No entanto, segundo o relato da *mocinha*, Branca Gil seguia indiferente aos açoutes que levava e segura como se “o coração estivesse em folia”. Interpretada no contexto da peça, tal fala pode ser entendida como a descrição do estado de espírito da alcoviteira: presa, porém satisfeita por ter extorquido praticamente todos os bens materiais do velho (que era tudo o que ela queria) levando-o à falência.

11. Leia o seguinte trecho extraído do romance *Angústia*:

Onde andariam os outros vagabundos daquele tempo? Naturalmente a fome antiga me enfraqueceu a memória.

Lembro-me de vultos bisonhos que se arrastavam como bichos, remoendo pragas. Que fim teriam levado? Mortos nos hospitais, nas cadeias, debaixo dos bondes, nos rolos sangrentos das favelas. Alguns, raros, teriam conseguido, como eu, um emprego público, seriam parafusos insignificantes na máquina do Estado e estariam visitando outras favelas, desajeitados, ignorando tudo, olhando com assombro as pessoas e as coisas. Teriam as suas pequeninas almas de parafusos fazendo voltas num lugar só.

(Graciliano Ramos, *Angústia*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 56ª.ed., 2003, p. 140-1).

a) No momento da narração, a posição social do narrador-personagem difere de sua condição de origem? Responda sim ou não e justifique.

b) Na citação acima, o termo ‘parafusos’ remete ao verbo ‘parafusar’ que, além do significado mais conhecido, também tem o sentido de ‘pensar’, ‘cismar’, ‘refletir’, ‘matutar’. Como esses dois sentidos podem ser relacionados ao modo de ser do narrador-personagem?

c) De que maneira o segundo sentido do verbo ‘parafusar’ está expresso na técnica narrativa de *Angústia*?

SOLUÇÃO:

a) Sim, difere. No momento em que narra, Luís da Silva, é um homem de condição humilde. Funcionário público (4ª linha do fragmento apresentado para a questão) e redator-*free-lancer*, o salário que recebe mal dá para custear a vida rotineira que leva numa precária casa alugada em que vive acompanhado por uma empregada de hábitos estranhos e roupas velhas e sujas. No entanto, (conforme mencionado na 1ª linha do fragmento apresentado: *fome antiga*), no passado, a situação chegou a estar muito pior que isso. A decadência que foi se acirrando geração após geração em sua família atingiu uma espécie de auge num momento que coincide com episódios do passado (juventude e infância) de Luís da Silva. Ele chega a mencionar um momento em que chegou à condição de indigência, tendo de pedir esmolas para não morrer.

b) Esses dois sentidos podem ser entendidos como componentes do modo de ser do narrador-personagem Luis da Silva. Por ser um homem reflexivo, introspectivo e um tanto inepto, Luis da Silva acaba por personificar os dois sentidos mencionados: pensa e roda (sobre o próprio eixo, numa alegorização de inércia ou de um caráter estacionário, incapaz de grandes deslocamentos ou realizações).

c) O romance dá a entender que Luís da Silva passa a vida como espectador de si mesmo. Assiste de modo um tanto passivo sua existência repleta de frustrações e incapaz de ruptura ou de mudanças efetivas. Tome-se como exemplo a situação em que vê Julião se aproximando, galanteando, conquistando, engravidando e abandonando Marina sem, no entanto, fazer qualquer coisa para pôr um ponto final à história antes que fosse tarde. Tudo o que faz diante disso é pensar e revoltar-se sozinho e em silêncio, o que acaba por alimentar o ódio e a própria angústia, que serve de título à narrativa.

12. Leia este poema de Cecília Meireles:

Desenho

*Traça a reta e a curva,
a quebrada e a sinuosa*

Tudo é preciso.
De tudo viverás.

Cuida com exatidão da perpendicular
e das paralelas perfeitas.
Com apurado rigor.

Sem esquadro, sem nível, sem fio de prumo,
Traçarás perspectivas, projetarás estruturas.
Número, ritmo, distância, dimensão.
Tens os teus olhos, o teu pulso, a tua memória.

Construirás os labirintos impermanentes
que sucessivamente habitarás.

Todos os dias estás refazendo o teu desenho.
Não te fatigues logo. Tens trabalho para toda a vida.
E nem para o teu sepulcro terás a medida certa.

Somos sempre um pouco menos do que pensávamos.
Raramente, um pouco mais.

(Cecília Meireles, *O estudante empírico*, em Antonio Carlos Secchin (org.),
Poesia Completa. Tomo II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 1455 - 56).

- a) Tanto o título quanto as imagens do poema remetem a um domínio do conhecimento humano. Que domínio é esse?
b) Em que sentido são empregadas tais imagens no poema?
c) Esse sentido acaba por ser contrariado ao longo do poema? Responda sim ou não e justifique.

SOLUÇÃO:

a) O grande número de termos e noções tomadas de empréstimo ao discurso científico, permite-nos afirmar que o domínio do conhecimento humano a que o enunciado se refere (de modo mais genérico) é o *científico* e (de modo mais específico) é o *da Engenharia Civil* (observe que, além dos termos do desenho geométrico ou comuns à matemática, à arquitetura e à engenharia, há expressões mais específicas da engenharia civil, como “projetarás estruturas” ou “Construirás os labirintos”).

b) Com o sentido de *aspectos*, *etapas* e *elementos constituintes* referentes ao “grande projeto” necessário para se viver.

c) Sim. O sentido de *elementos constituintes de um projeto para se viver* acaba por ser contrariado conforme explicitado no verso 16: *E nem para o teu sepulcro terás a medida certa*. Ora, poder-se-ia perguntar: se nunca saberemos a justa medida de nada ao longo da vida, qual o sentido nos preocuparmos com planejá-la de modo tão cuidadoso e calculado?

ELITE

PRÉ-VESTIBULAR

campinas

VOCÊ NA ELITE DAS UNIVERSIDADES!

PARABÉNS AOS ALUNOS DO ELITE PELO EXCELENTE DESEMPENHO NA FUVEST E NA UNICAMP!

FUVEST 2005 – 1ª fase

Turma	Alunos do Elite aprovados	Índice geral de aprovação do vestibular	Observações
Unicamp/Fuvest Diurno	71%	20%	Índice geral considera a média de todas as carreiras: dos 154 mil candidatos , 31 mil foram aprovados para a segunda fase . Dos 12 mil candidatos à concorridíssima carreira de MEDICINA, somente 1200 foram aprovados para a segunda fase .
Unicamp/Fuvest Noturno	58%	20%	
Medicina	54%	10%	

UNICAMP 2005 – 1ª fase

Turma	Alunos do Elite aprovados	Índice geral de aprovação do vestibular	Observações
Unicamp/Fuvest Diurno	73%	24%	Índice geral considera a média de todas as carreiras: dos 54 mil candidatos , 13 mil foram aprovados para a segunda fase . Dos 9 mil candidatos à concorridíssima carreira de MEDICINA, somente 900 foram aprovados para a segunda fase .
Unicamp/Fuvest Noturno	55%	24%	
Medicina	38%	10%	